

Os Índigos pedem passagem: será que estão sendo ouvidos?

Fernanda Minella

Resumo

O presente artigo aborda o tema dos Seres Índigos – crianças, adolescentes e adultos – e a forma como a sociedade atual vem rotulando algumas de suas manifestações como não-saudáveis, de ordem psicopatológica, diagnosticadas como comportamentos anti-sociais e principalmente Transtornos do Déficit de Atenção com e sem Hiperatividade. Para tanto, utilizo como base o livro Crianças Índigo: a evolução do ser humano, da psicóloga Ingrid Cañete e fazendo uma interface com a abordagem psicológica transpessoal acerca do tema.

Palavras-chave: crianças índigo; psicopatologia infantil; psicologia transpessoal.

Abstract

The present article approaches the theme of Indigo Beings – children, adolescents and adults – and the way today's society has been categorizing some of their manifestations as unhealthy and psychopathologic, under the diagnosis of anti-social behavior and mainly Attention Deficit Hyperactivity Disorder and Attention Deficit Disorder. For that, I used the book Indigo Children: the human being evolution, by the psychologist Ingrid Cañete, as a guide and interfaced with the transpersonal psychology approach.

Keywords: indigo beings; childhood psychopathologies; transpersonal psychology.

As Relações Humanas na Terceira Dimensão

Vivemos no planeta Terra. Fato. Nosso planeta torna-se um grão de areia ao encontrar-se em meio a um gigantesco cosmos em movimento e expansão, constituído de bilhões de galáxias e estrelas. Fato. No entanto, para muitas pessoas encarnadas na terceira dimensão – a

qual vivemos atualmente no planeta Terra – informações como essas não são relevantes. A elas importa sim, acreditar que somos seres extremamente evoluídos que costumam conviver em grupos, e que seríamos constituídos por um corpo (biológico) e por um cérebro (psíquico). O homem seria então um ser biopsicossocial. E tal termo já deveria ser mais do que suficiente para descrever nossa essência. Isso também é um fato para muitos. “E a alma?” alguém poderia perguntar. Pois bem, muito se debateu sobre essa instância durante a História, na Filosofia, nas Artes, na Literatura, na Psicologia, na Medicina. Alma trata-se do próprio significado da palavra psique, que por sua vez está contida na expressão biopsicossocial. Cada vez mais se fala sobre o psiquismo humano, mas poucas vezes pensamos no sentido espiritual – da alma e de todo o seu alcance - que pode e deve estar contido nessa palavra. Somos então seres biopsicossocioespirituais. E isso, para mim, é um fato.

Penso que se vamos falar de pessoas ou de qualquer assunto relacionado a elas, se vamos estudar sobre elas, devemos, antes de tudo, nos situarmos sobre qual a nossa visão de ser humano. O que é ser humano? Quem é o ser humano? Isso sim é básico. Ingrid Cañete (2005) acredita não ser possível abordar a existência e o comportamento humanos sem partirmos de uma verdadeira e completa concepção do ser humano. E, para isto, sugere a Psicologia Transpessoal como base teórica, afinal essa abordagem – também chamada de quarta força da Psicologia – é de caráter holístico por contemplar todas as outras teorias das ciências humanas, inclusive as provindas da visão mecanicista da sociedade. Dessa forma, a Psicologia Transpessoal surge como uma possibilidade de se ampliar e muito o olhar sobre o ser humano e a sociedade, considerando-os em sua natureza biológica, social, psicológica e espiritual.

Vejo como um privilégio a possibilidade atual de podermos contar com diversas teorias acerca da visão de homem e de podermos escolher com qual nos identificamos mais.

Mas penso que privilégio maior ainda seria termos a liberdade e a capacidade de podermos pensar (por nós mesmos!) nossas próprias teorias. O que nos cerceia então? É inegável o poder da cultura sobre nossas formas de receber informações, interpretá-las e agir sobre o meio. Podemos então dizer que estamos imersos em paradigmas. Para Morin (2006, p. 26) “um paradigma pode ao mesmo tempo elucidar e cegar, revelar e ocultar. É no seu seio que se esconde o problema-chave do jogo da verdade e do erro”. O autor segue dizendo que paradigmas agem como crenças oficiais, verdades estabelecidas e acabam por possuir poderes imperativos e proibitivos que determinam “os estereótipos cognitivos, as idéias recebidas sem exame, as crenças estúpidas não-contestadas, os absurdos triunfantes, a rejeição de evidências em nome da evidência, e faz reinar em toda parte os conformismos cognitivos e intelectuais” (Morin, 2006, p.26).

Na terceira dimensão, a maioria das pessoas do Ocidente vive imersa no paradigma mecanicista que “percebe e trata o ser humano como uma máquina, um mecanismo que pode ser decomposto em partes e manipulado, usado e explorado até a exaustão” (Cañete, 2005, p.19). Tal paradigma determina e permeia não somente a visão de homem, mas seus diversos tipos de relação: consigo, com os outros, com o meio-ambiente, com as instituições sociais (família, escola, trabalho, meios de comunicação).

Dentro deste contexto, que tipos de relações humanas têm sido estabelecidas entre crianças e adultos nos contextos familiares e educacionais atualmente? Seguramente, podemos dizer que o aspecto humano dos relacionamentos encontra-se distante. Cañete (2005, p. 113) aponta: “somos reféns de um processo maciço de desumanização. Vivemos uma profunda e grave crise de valores. Há muito tempo nos distanciamos e nos perdemos daquilo que realmente vale (...)”. Morin (2006) diz que embora vivamos na era da comunicação, pois o planeta encontra-se atravessado por redes como a internet, a

incompreensão permanece geral. O autor refere ainda que o fim do século XX possibilitou a revelação da incerteza, da imprevisibilidade sobre o futuro. O fenômeno sem precedentes da violência atravessa o Globo, atingindo governos e nações, voltando-as umas contra as outras e chegando até as escolas e a intimidade dos lares ou vice-versa. Cañete (2005) aponta as inúmeras e crescentes pressões advindas da vida moderna que levam ao estresse e ao esgotamento físico e mental. Disso vem “o cansaço e o sentimento de impotência e de descontrole, diante dos acontecimentos do cotidiano” (Cañete, 2005, p.113). A autora fala da sensação de insegurança e descontrole que são potencializados pela ação dos medos (do desemprego, da violência). Tais sensações podem tanto levar a uma paralisação diante dos acontecimentos ou a adoção de métodos e táticas inadequadas de educação.

Segundo a antropóloga francesa Noemi Paymal, em uma palestra proferida este ano (2010) no Seminário Internacional Pare Pense em Porto Alegre, através de sua experiência de mais de duas décadas de trabalho em países da América Latina, concluiu que as escolas nos moldes atuais não estão preparadas para atender as reais necessidades das crianças. Como reflexo da falta de estruturas familiares e educacionais amorosas, contidas, aceitadoras e verdadeiramente educadoras, as crianças e adolescentes parecem perdidos, incompreendidos, sem referências saudáveis. De acordo com as mestres em Educação Maria Dolores Fortes Alves e Nádia Aparecida Bossa (s/d artigo consultado na internet em 2010), “o tecnicismo do ato pedagógico colocou a técnica na frente do ser. Privilegia-se o fazer, cumprir tarefas e prazos, ter responsabilidade, obedecer a regras (...). Porém, parece-nos que diante da Vida o que nos significa, o que significa o viver, está além do fazer, está na essência do ser”.

Observamos também na maioria das escolas o incentivo à competitividade entre alunos e a uma normatização geral: todos devem comportar-se bem e obter boas notas, em silêncio! Este deve ser o resultado final. No entanto, temos observado que o retrato da vida escolar já não é mais o mesmo de 20 anos atrás. Hoje se entrarmos numa sala de aula do ensino médio ou

fundamental, é muito provável que encontremos muitos insatisfeitos: os alunos insatisfeitos com a instituição; e professores, com os alunos. Citado num artigo escrito pela neurologista e psiquiatra Analigia Santos Francisco (2004), Nelson Lima, neuropsicólogo, diretor do Instituto da Inteligência e da Academia de Sobredotados - fala da urgência em se destruir a escola atual e edificar uma nova. O neuropsicólogo diz que hoje as escolas estão neuróticas e obsessivo-compulsivas: “neurótica, porque anda à deriva, sem rumo. E obsessivo-compulsiva porque tem como objetivo ensinar, no mais curto espaço de tempo, saberes que são considerados essenciais, mas que servem para muito pouco”. Em casa, a situação não é muito diferente. Lima (s/d, citado por Francisco, 2004) diz “numa sociedade em que a competitividade, o sucesso e a fama já não são apenas aspirações, mas valores, os pais querem a todo o custo que os filhos se tornem acadêmicos, técnicos, cientistas... Isto é, pessoas evoluídas culturalmente. Pouco lhes importa a filosofia ou a espiritualidade. E acabam por ser castradores. Porque canalizam os filhos no sentido de cumprirem o que eles não foram capazes”. Vemos pais extremamente estressados com a atividade parental e filhos que podem reagir de muitas maneiras à insatisfação com o relacionamento. Em certos momentos inclusive, o mundo pode parecer um tanto caótico e sem sentido.

Diante de tamanha crise, é natural que profissionais da educação e pais ou responsáveis por crianças sintam-se impelidos a buscar orientação ou respostas prontas em profissionais da saúde, como psiquiatras e psicólogos. Penso que nunca houve tantos encaminhamentos de crianças e adolescentes aos consultórios. E a febre dos diagnósticos queima como nunca. Para citar alguns dos “campeões”, temos os comportamentos anti-sociais (Bullying, o Transtorno de Conduta, o Transtorno Desafiador Opositor) e os Transtornos do Déficit de Atenção com e sem Hiperatividade (TDAH e TDA). Nos EUA, o TDAH vem sendo o transtorno mais comumente diagnosticado em crianças, afetando de 3 a 5% das crianças em idade escolar, segundo o Instituto Nacional de Saúde Mental. Muitas vezes, os

pais ou professores já arriscam um diagnóstico por conta. Este fenômeno é preocupante e foi a temática do artigo de autoria do psiquiatra Tovar Tomaselli (2010) – Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade: de quem? - publicado na Internet. Nele o autor propõe uma reflexão crítica por parte dos pais, dos educadores e dos próprios profissionais da área psi a respeito das falsas certezas diagnósticas. Uma das grandes questões abordadas por Tomaselli (2010) é por que motivo os pais e cuidadores estão recorrendo com tanta exasperação a especialistas delegando a estes a responsabilidade de algo que caberia a eles originalmente? Ao autor parece “que tão logo o afeto se coloque em questão, a grande tendência é a de rapidamente procurarmos ‘passar a bola’ prá alguém que ‘julgamos’ saber resolver as questões que tanto nos afligem”. Tomaselli (2010) inverte a questão do diagnóstico exclusivamente dirigido à criança ao questionar até que ponto os próprios pais e a sociedade não estariam sofrendo de algum transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Crianças que apresentam sintomas do TDAH não seriam “apenas os vetores resultantes deste mal estar no mundo?” questiona o autor. E o que dizer do Bullying? Vem se falando muito deste fenômeno, como se fosse alguma novidade ou como fazendo parte exclusivamente do mundo dos jovens no âmbito escolar. Não estaria mais do que evidente que o Bullying está presente em nossa sociedade há muito tempo? Ou que ele também é praticado por adultos entre si? Tomaselli (2010) questiona “não seríamos todos vítima de um ‘Bullying social’?” a partir do momento em que alguns decidem por muitos que tipo de carro devemos dirigir, que marcas de roupas vestir, que empregos devemos ter, que formato deve ter nosso corpo, marginalizando as pessoas que não podem ou não desejam aderir aos padrões. Penso que poderíamos estender os princípios da Física da ação e reação a muitas das ditas psicopatologias infantis. Não digo isso com um caráter simplista. Digo por perceber que em muitos casos, os sinais que muitas crianças vêm apresentando, que são agrupados e rotulados

sob a categoria de determinada psicopatologia parecem uma reação a uma ação que o meio vem lhes infligindo.

Quem está doente? Quem precisa de orientação e ajuda? Que tipo de ajuda?

Certamente, a Medicina e a indústria farmacêutica estão à frente da corrida. Para Tomaselli (2010) está muito claro que a proliferação absurda de diagnósticos de TDAH “trata-se sim de uma espécie de ‘maquiagem’, a qual responde diretamente aos interesses das multinacionais fabricantes dos medicamentos psicoativos”. É importante que fique claro minha opinião: acredito que todos os radicalismos são prejudiciais. Ser totalmente contra algo ou totalmente a favor requer muita compreensão prévia do assunto. Penso que há situações sim em que o uso de substâncias psicofármacos é necessário. É inegável que um grande número de crianças e adolescentes tem sido levado ao psicólogo ou psiquiatra e que estão apresentando sim sinais de que algo não está bem. Tais sintomas (comportamentos e atitudes) podem tornar-se muito preocupantes, ao apresentarem risco a sua saúde física ou de outro. Pelos noticiários e outras fontes de informação, ficamos sabendo de situações assustadoras envolvendo a população infantil e adolescente. Situações que ocorrem nas escolas, dentro de casa ou nas ruas e são permeadas pela aparente ausência total de valores humanos nos envolvidos. O que está acontecendo? Estamos falando de um momento em que o planeta passa por transformações importantes em seu todo. É um período de crise e já estamos sentindo na pele alguns efeitos. Cada organismo vivo vem reagindo de um jeito. Pois bem, nossas crianças e jovens também vêm percebendo e atuando tais transformações. Muitos de nós podem estar vivendo e respondendo aos estímulos sem ter plena consciência disso. Outros não. Há seres humanos que estão em nosso planeta e que podem agir de forma incompreensível para muitos, mas que têm total consciência de seu propósito de vida e que poderão fazer o que for preciso para atingir uma mudança radical de valores em nossa sociedade. São os Índigos que estão abrindo caminho para uma nova era planetária.

Energia Índigo: a Transição para a Quarta Dimensão

Primeiramente, para entrar em contato com a temática dos seres índigos, faz-se necessário em nós uma abertura mental e espiritual. Recorremos então a Morin (2006, p. 32) que diz “necessitamos que se cristalize e se enraíze um paradigma que permita o conhecimento complexo”. O autor ainda ressalta ser impossível conceber a complexidade do ser humano pelo pensamento disjuntivo, ou seja, pelo pensamento que isola o homem de partes fundamentais suas como o universo e o espírito, reduzindo-o a um substrato puramente bioanatômico. Necessitamos então de uma evolução da compreensão humana. Cañete (2005, p. 22) salienta que “será preciso que os cientistas e todos os que se pronunciam em nome da ciência estejam dispostos a rever suas posições e, principalmente, que se disponham a abandonar alguns paradigmas, aos quais insistem em se apegar”.

Quem são os Índigos? A psicóloga gaúcha Ingrid Cañete deu início a discussão sobre a temática das crianças índigo no Brasil com o livro Crianças Índigo: a evolução do ser humano, no ano de 2005. Segundo ela (2005, p. 22) “as crianças índigo representam a evolução da raça humana na Terra”. No entanto, não se sabe exatamente quando começaram a vir; sabe-se que desde a década de 80 vieram em maior quantidade e, a partir do ano 2000 subestima-se que 90% dos bebês nascidos sejam índigo. A primeira pessoa a se tornar conhecida por abordar o tema foi Nancy Ann Tape, em seu livro Understanding your life through color, ou em português, Compreendendo sua vida através da cor, em 1980. Nancy é americana, pesquisadora metafísica, parapsicóloga, teóloga, filósofa, sensitiva e canalizadora. Ela submeteu seus dons paranormais de ver a aura humana, das plantas e dos animais a um acompanhamento científico. Segundo Cañete, ela teria percebido no campo energético (aura) de alguns a cor índigo. A cor da aura representaria o grau de consciência e a missão de vida do ser, sendo que eles viriam com o sexto sentido (terceiro olho) plenamente desenvolvido.

Nancy Ann Tape cunhou o termo Geração Índigo a essa nova geração de crianças que traziam consigo a aura índigo. Tal expressão foi posteriormente utilizada também pelos pesquisadores Nancy Lee Carroll e Jan Tober que escreveram o livro The Indigo Children – the new kids have arrived, traduzido como Crianças Índigo – as novas crianças chegaram, em 1999, nos Estados Unidos. Naturalmente, duras críticas recaem sobre essa visão, especialmente alegando a falta de cientificidade da teoria pelo fator da espiritualidade. A antropóloga Noemi Paymal (2010) responde “é científico. Basta ver qualquer estudo com crianças pequenas com um pediatra e um psicólogo e eles vão apontar as mudanças reais e atuais”. Paymal (2010) aponta para outro fator que contribui para a resistência à aceitação do tema – aceitar implicaria “uma mudança de nós mesmos e isso dá medo. Requer uma mudança pessoal, íntima, de atitude de vida e de mais amor”. Lima (s/d citado por Francisco, 2004) é apenas um dos muitos cientistas que tenta dotar este fenômeno de uma teoria credível e explica “embora não adote a versão espiritual, não posso, de maneira nenhuma, dizer que não existem fenômenos espirituais”. Acostumado a lidar com crianças superdotadas, o neuropsicólogo diz ser possível discernir os índigos das crianças com alta inteligência, pois a arquitetura cognitiva dessas crianças

é totalmente diferente, já que existem muito mais ligações entre os neurônios. Nos índigos, para além desse aspecto, parece haver uma capacidade inata para entender o mundo e as leis que o regem. Eles conseguem ter uma visão holística dos problemas, uma inteligência espiritual fora do comum. (Lima (s/d citado por Francisco, 2004)

Mas que implicações teriam a cor da aura dessas crianças? O que isso significaria? Os índigos “estão vindo para ‘mudar’, para construir, (...) para nos ensinar uma nova visão de tudo, com uma matéria-prima revolucionariamente óbvia: o amor (...). Com a missão de provocar e de impulsionar mudanças e a revisão de crenças e de valores da humanidade” (Cañete, 2005 p. 23 e 24). Neste sentido, segundo a autora, a energia índigo chega para

auxiliar a passagem do planeta da terceira para a quarta dimensão ao aumentar seu padrão vibratório, ou seja, para facilitar o nosso processo de evolução e do planeta. Para Cañete (2005, p. 16), “os índigos são diferentes em sua natureza, em sua constituição genética e física, em sua energia essencial, em sua sensibilidade, em suas potencialidades e em sua espiritualidade”. Em seu livro, Ingrid Cañete apresenta várias peculiaridades que podem ser reconhecidas nos índigos citadas por outros autores como Maria Dolores Paoli, uma especialista venezuelana em Psicoespiritualidade, dentre elas cita: são mais delgados, têm olhos grandes, com o lóbulo frontal ligeiramente pronunciado; em geral são canhotos ou ambidestros; comem pouco e alguns são vegetarianos por não suportarem carne; podem ver facilmente os campos energéticos ou auras de pessoas, plantas, animais; e elas possuem melhores condições de lidar com as impurezas criadas pelo homem. Segundo Carroll e Tober (1999, citado por Cañete, 2005), possuem um sistema imunológico fortalecido; telepatia; um elevado grau de consciência; capacidade para prever o futuro e reconhecer seres etéreos; são mais intuitivos e têm até habilidade para curar outras pessoas; são democráticos, menos autoritários e manipuladores; são cooperativos em vez de competitivos; holísticos por natureza, demonstrando inclusive dificuldade ou mesmo incapacidade para perceber e interpretar a realidade sob o enfoque mecanicista. Os índigos respondem à autenticidade e ao amor – diálogos autênticos e limites com base no amor e na verdade. Segundo Doreen Virtue, em seu artigo Crianças Índigo e Crianças Cristal, (s/d citado por Francisco, 2004), os índigos são incapazes de se conformar com situações disfuncionais em casa, trabalho ou escola. Eles não têm a habilidade de se desassociar dos seus sentimentos e fingir que está tudo bem, a não ser que estejam medicadas ou sedadas. Ressalta-se que índigos não possuem necessariamente todas essas características.

Psicopatologia ou incompreensão dos índigos?

Agora imaginemos por um momento o quão difícil a missão dos índigos neste planeta pode se tornar, ao considerarmos todo o contexto cultural a que estamos imersos. Como resultado do convívio destes seres extremamente sensíveis com pessoas dotadas de consciências que não os compreendem, é provável que o índigo, que não tenha um suporte emocional adequado, venha a desenvolver sintomas comumente interpretados como psicopatológicos. Dentre as classificações diagnósticas (DSM-IV, 1995) mais comuns da infância e juventude atualmente, como dito anteriormente, temos: os comportamentos disruptivos e Transtornos do Déficit de Atenção com e sem Hiperatividade (TDAH e TDA). O meu objetivo aqui não é fazer uma descrição de cada um deles. Falarei de forma geral sobre como os índigos podem vir a desenvolver comportamentos que à luz da psiquiatria e psicologia tradicionais serão diagnosticados e, provavelmente, encaminhados a tratamentos apenas paliativos com ou sem uso de psicofármacos, mas que provavelmente permanecerão incompreendidos em sua verdadeira essência humana.

Nos convívios familiar e escolar é que ficam mais evidentes as manifestações da energia índigo quando é bloqueada ou desvirtuada de seus fins originais. Cañete (2005, p.70) adverte sobre a necessidade fundamental de que estes seres possam tomar consciência de quem realmente são e de seu propósito no planeta, pois enquanto isso não ocorre “eles sofrem muito e podem se tornar inesperados e negativos, destrutivos mesmo (...) Podem se entregar, por exemplo, ao mundo das drogas, do crime, da perversão e de inúmeras condutas anti-sociais, chegando inclusive a cometer suicídio”. Portanto, é tarefa de todos o acompanhamento e a educação dessas crianças, dentro de uma compreensão espiritual que transcende a biopsicossocial.

É de senso comum na área psicológica que na raiz de muitos dos comportamentos violentos adotados por jovens e crianças, está a falta de relações de amorosidade em casa. Devido à falta de tempo e de atenção genuína dos cuidadores, os vínculos que se formam são frágeis. Segundo Cañete (2005, p. 119) além dessa fragilidade ou da ausência de vínculos, “será difícil formar-se a empatia, fundamento da formação ética e moral nas crianças e substrato da educação e da capacidade de perceber e de respeitar limites (...), de amar e sentir compaixão”. Vamos então a algumas dessas características que mais adiante nos ajudarão a compreendermos as possíveis conseqüências – vistas como psicopatológicas – caso o meio em que o índigo vive desconheça, menospreze, cerceie ou rejeite o seu potencial. Para a autora, o funcionamento agressivo e destrutivo nos índigos é decorrência de sentimentos depressivos e de frustrações sistemáticas diante de valores e ideais que não estão sendo respeitados pelo meio, principalmente pelos pais e educadores. Ao se depararem com injustiças e violências, por exemplo, sentem que é seu dever chamar a atenção de alguma forma para isso até adotando atitudes agressivas radicais em relação a outros ou a si mesmo. Seguramente, se chegaram a tal ponto é porque foram ignorados diversas vezes. Os índigos agem sempre orientados por valores como o amor, a paz, a esperança, a liberdade e a ética (Cañete, 2005). Pode parecer um tanto radical o fato dos índigos estarem dispostos a dar a própria vida em seu intuito de provocar uma revisão de valores, atitudes e de posturas. No entanto, ações extremas é o que temos observado e presenciado quase que diariamente. O fenômeno do Bullying, frequentemente praticado nas escolas entre colegas, segundo a educadora Elizabeth Krieger (s/d citado em Cañete, 2005) poderia ser compreendido pelo fato do campo vibratório dos índigos ser percebido como diferente às outras crianças. Diante disso, elas poderiam se sentir ameaçadas e, por isso, hostilizam, menosprezam e intimidam os índigos que, por sua vez, podem reagir apaticamente até adotar uma conduta extremamente violenta. A educadora salienta que pelo fato dos índigos se rebelarem contra autoridades e não

sentirem culpa ou remorso por suas ações- já que o fazem sempre tendo um propósito de valores elevados – faz-se fundamental que os pais lhes ensinem desde pequenos princípios morais, éticos e espirituais.

Carroll e Tober (1999, citado por Cañete, 2005) apontam outras características que podem ser interpretadas como sintomas de psicopatologias, como por exemplo, de um transtorno desafiador opositor, pelo fato de terem grandes dificuldades em aceitar a autoridade absoluta, sobretudo aquela que não dá explicações nem alternativas. Tampouco respondem à disciplina baseada na culpa, pois possuem boa autoestima e sabem bem o que desejam. Quando na escola ou em casa não fazem exatamente o que lhe mandam, do jeito que lhe mandam, por terem muitas vezes, melhores formas de fazer as coisas, são vistas como crianças rebeldes e desintegradas. O diagnóstico mais comum, sem dúvida, é o TDAH e o TDA, pois há coisas que elas, pura e simplesmente, não são capazes de fazer, como esperar quietas numa fila; sentem-se frustradas com sistemas repetitivos, que não requerem criatividade, logo optam por trocar por outra atividade que lhes faça mais sentido; podem envolver-se com duas ou três atividades ao mesmo tempo, mas podem desistir delas rapidamente. Entretanto, uma criança índigo, quando motivada verdadeiramente, é capaz de obter excelentes resultados em qualquer atividade, diferentemente dos hiperativos. Em geral, as dificuldades na escola se dão pela falta de interesse do índigo diante de um sistema de ensino defasado que não atende a suas necessidades, e não por uma baixa inteligência ou outro transtorno neuropsiquiátrico – é o sistema educacional que não os acompanha. Não é o contrário. E por conta de diagnósticos como o TDAH e TDA, muitas crianças e jovens têm sido medicados indiscriminadamente, por alguns profissionais. Muitos medicam com o intuito de atender às expectativas dos pais e escola ou suas próprias. No entanto, é importante ressaltar que nem toda a criança diagnosticada com algum distúrbio da atenção é índigo e que nem todo o índigo terá esta característica. Segundo Doreen Virtue (s/d citado por Francisco,

2004), infelizmente por serem medicados e sedados, os índigos frequentemente perdem a sua bela sensibilidade, dádivas espirituais e energia de guerreiro. Não são as crianças e jovens que devem ser medicados para melhor se adequar aos sistemas vigentes. A mudança deve vir de uma reforma completa nos sistemas educacionais e de uma conscientização de toda a sociedade urgentemente, pois a tendência é de crescimento do número de índigos no planeta. E o que será feito então? Diagnósticos e remédios para todos?

Ainda de acordo com características apresentadas por Carroll e Tober (1999, citado por Cañete, 2005), se não houver outros com o mesmo nível de consciência, os índigos podem sentir que não há ninguém que os entenda e tornarem-se anti-sociais. Os comportamentos violentos presentes nos transtornos de conduta, por exemplo, podem então ser resultado da falta de compreensão e da sensação de invisibilidade que o índigo pode ter ao perceber que ninguém o escuta com seriedade e que as pessoas não estão dispostas a evoluir. Tomaselli (2010) vê “esses fenômenos de classificação médico-psicológica, como um grande sintoma social, e cujas causas são a perda da identidade, o desamparo, o alheamento de si mesmo, a pressão pelo ‘ter’ em detrimento do ‘ser’”. Portanto, a resolução para tal situação “encontra-se na subjetividade, na relação intra-psíquica, e salvo melhor juízo, não nos antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos, estabilizadores de humor, embora tenham a sua indicação em questões mais agudas”. A isso, acrescento a importância da evolução das relações interpessoais de modo que sejam baseadas no diálogo, na autenticidade e no amor. Isso deve ser aplicado também à educação. Morin (2006, p. 93) fala da missão espiritual da educação: “ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade”. Sinto a necessidade ainda de acrescentar a brilhante projeção de futuro citada por Morin (2006, p. 75)

Podemos igualmente confiar nas possibilidades cerebrais do ser humano ainda em grande parte inexploradas; a mente humana poderia desenvolver aptidões ainda

desconhecidas pela inteligência, pela compreensão, pela criatividade. Como as possibilidades sociais estão relacionadas com as possibilidades cerebrais, ninguém pode garantir que nossas sociedades tenham esgotado suas possibilidades de aperfeiçoamento e de transformação e que tenhamos chegado ao fim da História. Podemos esperar progresso nas relações entre humanos, indivíduos, grupos, etnias, nações. (...) É uma possibilidade incerta que depende muito da tomada de consciência, da vontade, da coragem, da oportunidade.

Considerações Finais

Os Seres Índigos vêm exigir mudanças para o agora! Nos acostumamos a estabelecer relações fugazes e superficiais, na maioria das vezes, reservando nossa atenção autêntica, amor e respeito a poucos que nos rodeiam. Isto quando somos capazes de sentir e demonstrar um amor incondicional. Da mesma forma como viemos nos relacionando de forma objetalizada com pessoas, temos tratado o planeta. Mudanças são necessárias. Os índigos têm tentado, dentro de suas possibilidades, fazer sua parte. Eles vêm provocando uma revisão de valores essenciais na humanidade, por vezes de forma drástica e incompreendida por muitos. Estes, com certeza, não foram ouvidos a tempo. Devemos entender que uma outra realidade é possível e que muitos dos sofrimentos que a humanidade vêm experimentando não são necessários. Muitas crianças e jovens poderiam estar felizes e bem-adaptados, no entanto, estão sendo medicados e sedados, ou rotulados e marginalizados. Portanto, faz-se imperativo, para o bom desenvolvimento dos índigos ou não índigos, que eles possam contar com pais, cuidadores, familiares, professores e amigos que não recorram antes de tudo a soluções imediatistas no psicodiagnóstico e na psicofarmacologia. E sim, que estes conheçam a verdadeira essência do ser humano e suas reais necessidades e potencialidades, que sejam sensíveis e capazes de compreender, aceitá-las e amá-las, de modo que as crianças e jovens possam desenvolver suas verdadeiras potencialidades que são muitas.

Referências Consultadas

Alves, M. D. F.; Bossa, N. A. (2010). Psicopedagogia: em busca de um mundo perdido. Artigo acessado em 12 jul de 2010 no site <http://www.edupsicotrans.net>.

Cañete, I. (2005). Crianças Índigo: a evolução do ser humano. Porto Alegre.

DSM-IV(1995). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Francisco, A. S. (2004). Crianças Hiperativas. Publicado em 11 de Nov. de 2004, no site <http://www.scribd.com/doc/504586/Criancas-Hiperativas> Acessado em 12 de jul, 2010.

Morin, E. (2006) Os sete saberes necessários à educação do futuro. Traduzido por Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 11 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO.

Paymal, N. (2010) Pedagogia 3000. Palestra proferida na 5ª edição do Seminário Internacional Pare Pense, realizado em Porto Alegre em maio de 2010.

Tomaselli, T. (2010). Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade: de quem? Acessado em 12 de jul de 2010 no site www.redepsi.com.br.